

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT15.005

## ANÁLISE DO INTERDISCURSO NO GÊNERO DEBATE: ASPECTOS DA HETEROGENEIDADE DISCURSIVA

José Batista de Barros<sup>1</sup>Adriana Letícia Torres da Rosa<sup>2</sup>

### RESUMO

Compreender o debate no contexto da sala de aula, a partir das proposições do livro didático de português (LDP) é o nosso ponto de partida. Assim, temos, com este trabalho, a finalidade de analisar aspectos relativos ao *interdiscurso* no debate, considerando seus efeitos na leitura do referido gênero. No que tange à compreensão do conceito do *interdiscurso*, tomamos como referência de base Maingueneau (2008), e à *heterogeneidade marcada e constitutiva*, Authier-Revuz (2004). Elegemos como *corpus* o debate transcrito no livro e a proposta pedagógica nele apresentada. Inicialmente apresentamos como a Análise do Discurso construiu o conceito de interdiscurso na sua trajetória histórica a fim de compreender, à luz dessa teoria, o papel da heterogeneidade discursiva na produção textual. Verificamos as marcas da heterogeneidade que constituem o texto de debate em análise para, posteriormente, identificarmos se na atividade didática do livro, o fenômeno da heterogeneidade discursiva é evidenciado e a partir de que perspectiva teórica. Os resultados apontam que no texto investigado, os aspectos da heterogeneidade discursiva são trabalhados argumentativamente pelos sujeitos no sentido de se

1 Doutor pelo curso de Ciências da linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP [josebatista.40@gmail.com](mailto:josebatista.40@gmail.com)

2 Professora Titular pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE [adrianarosa100@gmail.com](mailto:adrianarosa100@gmail.com)

concretizar a ação social do gênero *debate*–embate e negociação de pontos de vista, que geram, na experiência de diálogo, manutenção ou mudança de perspectivas ideológicas e de formas de inserção no mundo da cidadania. No que diz respeito à abordagem pedagógica do LDP, há uma postura analítica e interpretativa do gênero em estudo, com ênfase no tema, situação de produção, organização textual argumentativa; porém não se aprofunda a discussão sobre o papel da heterogeneidade na constituição dos textos, discursos. Por fim, nossa investigação vem a contribuir para consolidação dos trabalhos relacionados às pesquisas desenvolvidas no Brasil que estão em consonância com a perspectiva enunciativa de estudos da linguagem, especialmente no tocante à AD de linha francesa.

**Palavras-chave:** Discurso; Interdiscurso; Heterogeneidade; Debate; Gênero textual.

## INTRODUÇÃO

O debate compõe um momento discursivo quando o ápice da enunciação argumentativa se dá. Não é necessário ser um “expert”, um analista do discurso, um estudioso de ciências sociais ou pesquisador para saber que há diversos espaços nos quais o debate acontece com propósitos comunicativos vários. Um excelente exemplo desses lugares, poderemos verificar nos poderes legislativos federais, estaduais e municipais, no executivo, no judiciário, bem como em instâncias outras como as sindicais, organizações comunitárias, como também nas instituições escolares, pois debater é um exercício de cidadania.

Essas falas iniciais fazem-se necessárias para deixar clara a importância deste trabalho quando aborda o gênero debate para análise, por ser esse, uma forma de discurso, e, portanto, carregada de ideologia e sentidos, com potencial poder de persuasão, convencimento, constituindo-se assim uma experiência enriquecedora tanto para quem participa diretamente quanto para quem o presencia.

O debate é evidenciado e usado na esfera escolar, seja como objeto de estudo, conteúdo, ou como recurso didático para o desenvolvimento de posicionamentos e argumentações nas diversas disciplinas que compõem a base curricular das escolas do país.

## METODOLOGIA

Entender a sua dinâmica é requisito primordial para a realização de bom trabalho tanto de pesquisa quanto pedagógico. Compreender o debate no contexto da sala de aula, a partir das proposições do livro didático de português (LDP) será nosso ponto de partida. Para tanto, elegemos como corpus o debate e a proposta pedagógica de sua abordagem, apresentados na seção de produção de texto do livro Português Linguagens (CEREJA & MAGALHÃES, 2010), volume destinado ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Primeiramente, embasados no percurso histórico da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, nos adentramos na análise dos aspectos do interdiscurso desse gênero, por entendermos que esses são partes pouco visíveis, mas constitutivas do referido gênero. Na sequência, identificamos se no suporte do gênero, o LDP, o fenômeno da heterogeneidade discursiva é evidenciado e a partir de que perspectivas teóricas.

Ancoraremos nossas bases em teóricos que são ao nosso entender referências, por tratarem das questões que abordaremos no trabalho de forma, do ponto de vista analítico, bastante objetiva, especialmente no que tange à compreensão das marcas do interdiscurso por Maingueneau (2008), e da heterogeneidade marcada e constitutiva por Authier-Revuz (2004).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 1 O INTERDISCURSO NA ESTEIRA DA ANÁLISE DO DISCURSO

A teoria da Análise do Discurso (AD) teve sua origem na França, no final da década de 1960, e sua paternidade é atribuída a Michel Pêcheux, numa época em que o estruturalismo ainda predominava como modelo de percepção do mundo e das ideias, mesmo para uma geração, que se anunciava, erguida sob os pilares do pensamento ideológico.

O materialismo histórico e o estruturalismo serviram de base para a gênese da AD. A formação acadêmica de seus pesquisadores contribuiu para busca de respostas para suas inquietações, diante do mundo que ora se apresentava. Nesse contexto, Pêcheux foi um filósofo envolvido com as discussões que se travavam naquele momento histórico, cujas temáticas advinham desde a psicanálise e o marxismo à linguística. O estudioso junto a Jean Dubois, linguista e lexicólogo comprometido com os estudos da linguagem do seu tempo.

A Teoria é oficialmente inaugurada com a publicação da obra de Michel Pêcheux intitulada *Análise Automática do Discurso* (AAD) e com

a posterior publicação da revista *Langages*, organizada por Jean Dubois a partir de um projeto de intervenção, de uma ação transformadora, que objetivava combater o rigoroso formalismo linguístico.

Com a Linguística elevada ao *status* de ciência, fortalecida com os estudos saussurianos, evidencia-se a autonomia relativa da linguagem, derivadas dos recortes de seu objeto de estudo - a língua - tornando possível estudá-la na sua relação com o mundo. E é essa relativa autonomia da língua que atua como base, lugar material em que são construídos os processos discursivos.

A partir desse ponto, reforça-se que o discurso é atravessado pela ideologia, pelo contexto sócio-histórico. Nesse sentido, Mussalim (2006, p.105) nos diz:

É nesse contexto que nasce o projeto da AD. Michel Pêcheux, apoiado numa formação filosófica, desenvolve um questionamento crítico sobre a linguística e, diferentemente de Dubois, não pensa a instituição AD como um progresso natural permitido pela linguística, ou seja, não concebe que o estudo do discurso seja uma passagem natural da lexicologia (estudo das palavras) para a análise do discurso. A instituição AD, para Pêcheux, exige uma ruptura epistemológica, que coloca o estudo do discurso num outro terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito.

Portanto, entender a análise do discurso requer compreender as condições que propiciaram o seu surgimento e algumas concepções que norteiam suas bases teóricas.

Pêcheux, ao pensar a AD, não toma como objeto de estudo os fenômenos da língua e nem da gramática, mas não os despreza, uma vez que esses fazem parte do discurso. Nesse sentido, a AD vai tratar do discurso levando em conta três campos de conhecimento: a Linguística, com o elemento discursivo-textual, a Psicanálise lacaniana, com a noção de sujeito assujeitado, e o Marxismo, com a releitura de Althusser dos fundamentos dos processos socioideológicos discutidos por Marx.

Numa primeira fase, como observa Mussalim (2006), a AD volta sua análise para discursos cujas condições de produção são mais estáveis e

homogêneas, como o discurso político-partidário por exemplo. A seleção do *corpus*, a análise linguística (construção sintática e léxico), a análise discursiva (sítios de identidade) e a análise do processo discursivo são etapas sequenciais de estudos pouco flexíveis. Numa segunda fase, a AD apropria-se dos conceitos de formação discursiva (FD) de Michel Foucault (1969) e conseqüentemente a análise estrutural fechada torna-se cada vez mais inviável. Para esse filósofo, uma FD define-se na relação com demais FDs, tanto em conflito quanto em aliança: nesse sentido, a FD não é fechada em si, mas “pré-construída” pelo interdiscurso, mesmo que para ser identificada seja preciso observar as suas regularidades enunciativas. Na contemporaneidade, o papel da heterogeneidade discursiva se consolida, entendendo-se que os discursos que inter cruzam uma FD não se constituem autonomamente uns em relação aos outros para serem em seguida postos em relação na FD, mas se manifestam de maneira regulada no interior de um interdiscurso.

Nas suas bases de sustentação analítica, a AD, antes vista e identificada quase exclusivamente para análise de discursos políticos, trabalha com uma diversidade de discursos, objetos de interesse de vários analistas, encontrando no Brasil, um solo fértil para a releitura das proposições de seu fundador. Responsável pelos estudos da AD no Brasil ainda na década de 70 e sob a obscuridade da ditadura militar, Orlandi tem sido o nome de referência. Seus trabalhos e os de outros pesquisadores têm dado sustentação às pesquisas da AD na atualidade no país, dentre os quais, (1987; 1990; 1993; 1994; 1996; 2000; 2001); Possenti (2002; 2009); Fernandes; Santos (2007); Gregolin (2004); Gregolin; Baronas (2007); Mariani (2006), para citar, são algumas referências nos estudos da AD.

Do seu nascimento, aos dias atuais, a AD vem ajustando-se às necessidades e aos pensares contemporâneos, incorporando ao seu corpo, formas de ver e analisar o que acontece no mundo. Com esse breve histórico panorâmico do surgimento e da consolidação da Análise do Discurso de linha francesa, observamos a contribuição de Pêcheux para formação do quadro teórico-epistemológico: no seu bojo, revelam-se as relações do

mundo com a linguagem por via da ideologia; levanta-se a proposição de que a língua não é transparente, tampouco o sujeito controla tudo o que diz, visto que o enunciado é suscetível à interpretação; e a língua, a história e a sociedade se imbricam na dança dos objetos de discurso.

Ao nos debruçarmos sobre o estudo do discurso, o fazemos a partir de proposições empíricas de fala e escrita e da sua matéria prima, o *sentido*, o seu fio condutor, impregnado no interior das palavras. Quando nos referimos à produção de sentidos, sabemos que esses são produzidos subordinadamente aos vários lugares sociais ocupados pelos indivíduos no momento de constituição das formações discursivas. Tudo que falamos ou dizemos, seja verbalmente ou por outros tipos de linguagem, está carregado de ideologia, alteridade, subjetividade e tantos outros sentidos, pois estamos frequentemente assumindo diferentes papéis na sociedade. Do mesmo modo, é a partir do lugar sócio-histórico-ideológico-discursivo, que avaliaremos o discurso de outrem.

Um aspecto deveras relevante que deve ser considerado na análise dos discursos e os efeitos de sentido em curso é a questão *histórica* dos fenômenos que situam o sujeito, guiando seu poder de entender e interpretar a materialidade discursiva, bem como de produzir discursos. Nessa seara, entra fortemente em cena a noção de *condições de produção e interdiscurso*, conceitos que muito nos interessa nesse trabalho.

Ao investir no estudo dos princípios e procedimentos da Análise do Discurso, Orlandi (2012) observa que as *condições de produção* envolvem os sujeitos e a situação, constituindo-se parte da exterioridade linguística e estabelecendo relações de força no interior do discurso, mantendo com a linguagem vínculos e criando sentidos para o texto. Num sentido estrito, o contexto imediato e as circunstâncias da enunciação determinam as condições históricas de produção em que os enunciadores são assujeitados às formações discursivas. Se pensadas numa dimensão maior, às condições de produção incluem-se fatores sócio-históricos e ideológicos.

Nesse caminho, ressaltamos que a *memória* aciona dispositivos que se unirão aos sentidos, compondo assim as condições de análise e produ-

ção. Segundo Orlandi (2012), quando pensada em relação ao discurso, a memória é vista como *interdiscurso*, ou *memória discursiva*. Com base nela, o sujeito se apoia no já dito, articulando sua produção e interpretação discursiva com o encadeamento de vozes, mobilizando as relações de sentido.

O **interdiscurso** é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isso é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. (p.33-34) (**grifo** nosso)

A memória e o esquecimento, exercem funções de destaque nesse conjunto, derivando daí os processos discursivos trazidos à tona pela *memória coletiva* construída ao longo dos tempos. Portanto, o que é dito no discurso atual, são ecos de discursos produzidos no passado, e que de certa forma, transformar-se-ão em variados discursos. Nesse engenhoso processo, a memória é um dispositivo que envolve também os *sentidos*, para a sua materialidade e constituição em referência às condições de produção de um determinado enunciado.

Assim, o *interdiscurso* é constitutivo de todo discurso, bem como, compreende o conjunto das formações discursivas. Está no cerne da (re)significação do sujeito sobre o já dito, considerando-se as novas situações das condições de produção numa formação discursiva. De modo que, como aponta Ferreira (2001, p. 18), “o interdiscurso determina materialmente o efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como puro ‘já-dito’”.

Concordamos com Possenti (2011) quando observa a relevância e a complexidade da noção do termo *interdiscurso* para a AD. O autor observa que a concepção apresentada por Pêcheux – *toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui sua dependência com relação ao ‘todo complexo com dominantes’ das formações discursivas intrincado no complexo das formações ideológicas*

(1997, p.162) -, serviu de base para alicerçar os trabalhos de demais estudiosos da área, e conclui que na atualidade outros olhares são agregados a esse antigo conceito, como é o caso das proposições de Maingueneau.

Aderimos à percepção de Sírio Possenti sobre a operacionalidade e produtividade dos estudos do *interdiscurso* realizado por Maingueneau. Nos seus trabalhos, esse último pesquisador apresenta a noção de *interdiscurso* sob dois prismas: num sentido *restrito*, diria respeito ao conjunto de discursos do mesmo campo que mantem relações de delimitação mútua; ao passo que num sentido *amplo*, ao conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação direta ou indireta. (cf. MAINGUENEAU, 2008).

Maingueneau (2008), com o objetivo de tornar mais compreensível para efeito de análise o fenômeno do interdiscurso, propõe o trabalho com três níveis: *universo discursivo* (conjunto de FDs de todos os tipos que estão em interação), *campo discursivo* (conjunto de FDs em concorrência, delimitadas numa área do universo discursivo, como o campo político, o religioso, o publicitário, etc.) e *espaços discursivos* (subconjunto de FDs inter-relacionadas delimitado pelo analista por julgar essa restrição importante para seu propósito de pesquisa).

Seja qual for o foco da análise, nessa tríade, a heterogeneidade do discurso é uma tônica constitutiva. Ancorada nas proposições de Bakhtin / Volochínov (2002) sobre o caráter dialógico da linguagem<sup>3</sup>, Authier-Revuz (2004) apresenta como categoria analítica a *heterogeneidade mostrada* e a *constitutiva*-noção que muito se aproxima da ideia de *interdiscurso* no sentido *restrito* e no *amplo* de Maingueneau.

A *heterogeneidade mostrada* pode ser identificada, - de forma marcada ou não- marcada, na superfície textual, caso dos recursos do discurso relatado ou alusão, menção ao discurso de “outros”; por seu turno, a hete-

---

3 Para Bakhtin / Volochínov (2002), na acepção de *dialogismo* da linguagem está entendimento de que todo enunciado é historicamente constituído da presença de discursos alheios, anteriormente produzidos, e do mesmo modo orienta-se para uma resposta compreensiva e ativa dos discursos que ainda estão por vir.

*rogeneidade constitutiva* é identificada apenas com base no pressuposto da presença do discurso de “outros” que subjaz toda formação discursiva. Vale ressaltar que, segundo Authier-Revuz (2004), as várias formas de heterogeneidade mostrada convergem para o princípio da heterogeneidade constitutiva do discurso.

Na esteira da AD, a concepção do *interdiscurso* revela que não há espaço para se analisar os discursos numa perspectiva da homogeneidade: os discursos são constitutivamente heterogêneos e estão articuladamente dependentes entre si, ao mesmo tempo em que são produzidos por sujeitos também heterogêneos, ideologicamente marcados.

## 2 A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA NO DEBATE

O debate é um gênero textual de cunho opinativo que se insere nas práticas de oralidade de uma comunidade, tendo como ação social de fundo uma discussão entre as partes com base em argumentos ou exposição de razão. O gênero em tela permeia diversas esferas comunicativas, realizando-se também em distintos graus de formalidade, e regras de funcionamento: na conversação cotidiana, no espaço jurídico, no campo da política, na mídia televisiva, bem como no domínio escolar, debater é uma prática rotineira, seja com vista a, nas relações de diálogo, compreender um tema controverso, seja para defender ou formar opiniões, entre outros (cf. COSTA, 2008; DOLZ & SCHNEUWLY, 2011).

Compreendendo as suas múltiplas faces, fizemos um recorte de estudo, propondo-nos a nos debruçar sobre a investigação do debate no âmbito das práticas escolares, mais especificamente no livro didático de língua portuguesa (LDP). O nosso intuito primordial é analisar aspectos do interdiscurso no debate, enquanto elemento constitutivo do gênero textual em questão, com vistas a identificar ainda se o LDP aborda tal fenômeno discursivo como elemento de estudo, e em que perspectiva teórico- metodológica.

Analisamos as *condições de produção* do gênero debate, a partir de um exemplar transcrito e trabalhado pelo LDP, bem como as marcas do *interdiscurso* presente no gênero guiando-nos pelas proposições de Maingueneau (2008) e Authier-Revuz (2004) quanto aos conceitos de heterogeneidade marcada e a constitutiva. Posteriormente, estudamos a proposta didática evidenciada pelo livro.

O trabalho de analisar uma situação específica de debate, com suas trocas comunicativas, não é tarefa das mais fáceis, tanto por sua complexidade, quanto pelas inúmeras possibilidades de interpretações que podem ser feitas a partir de uma única frase pronunciada por um sujeito: são os efeitos de sentido. Matéria prima, o fio condutor da Análise do Discurso, eis porque, é a partir do *sentido* que é feita a amarração da teia que constitui a linguagem. Lembramos: a AD é uma teoria dos sentidos, de significações.

Dessa forma, a análise a ser realizada busca evidenciar marcas linguísticas presentes no discurso do sujeito como “impressões digitais” que o caracterizam ideologicamente, pelo viés do interdiscurso, e fica visível na essência de seu discurso, o *sentido*.

## 2.1 DEBATE NO LIVRO DIDÁTICO

O texto em análise foi exposto para estudo pelo livro didático *Português: Linguagens* de Cereja & Magalhães (2010, pp. 145-146).

No que tange às *suas condições de produção*, esse exemplar deriva-se de trecho da segunda parte de um debate realizado pela revista *Pais & Teens* a jovens estudantes na faixa etária entre 18 e 22 anos. O tema gerador é *Transição da adolescência para a vida adulta*. Trata-se de uma publicação contemporânea. O ambiente onde o debate acontece é uma escola, não estando claro se pública ou privada.

Leiamos o exemplar:

**PAIS&TEENS** — Pessoal, como foi a experiência de cada um de começar a trabalhar?

**RAFAEL** (19 anos, 3º colegial noturno, office-boy de dia) — Foi minha mãe quem me botou pra trabalhar, eu tinha 16 anos, não queria saber de nada. Eu não fazia mais nada na vida, não queria trabalhar, não queria estudar. Eu tinha uma vida totalmente boa: minha mãe me dava dinheiro pra sair, e eu tava lá na minha... [...] eu não queria trabalhar, não queria mesmo. Hoje eu acho que trabalhar é preciso para qualquer pessoa, porque você já



PhotoDisc/Getty Images

está se preparando... Essa idade, essa fase que a gente tá é de transição para a vida profissional. Se eu não tiver nenhuma experiência profissional, eu vou competir com uma pessoa que tem experiência, e eu não tenho. Hoje concordo mais com minha mãe. Cabeça vazia é morada do demônio. Hoje acho que ela agiu certo, na época não, eu queria ficar sossegado.

**JULIANA** (20 anos, 1º ano de Nutrição de manhã, secretária à tarde) — Comecei a trabalhar porque eu quis. Eu me sentia meio mal pedindo dinheiro pro pai, pra mãe... [...] Comecei a trabalhar para ter meu próprio dinheiro, poder ter as coisas, comprar minhas coisas, não ter que ficar pedindo.

**RAFAEL** — É... Eu também. Depois que eu fui trabalhar é que tive a noção do que é independência financeira. Eu não precisava mais falar: “Mãe, me dá dinheiro, vou sair”. [...] Agora eu me sustento. Posso ir aonde quero, é meu dinheiro!

**JULIANA** — Eu comecei a trabalhar em bicos, agora tenho um emprego de meio período, mais fixo. Não que o dinheiro te dê a independência total, mas você já não precisa chegar no pai e dizer: “Pai, me dá dinheiro para comprar uma roupa”... [...]

**PAIS&TEENS** — E essa tal da “independência total”: quando vocês acham que chegam lá?

**MAURO** (22 anos, 4º ano de Jornalismo) — Eu ainda dependo muito dos meus pais, vou continuar dependendo por muito tempo. [...]

**JULIANA** — Eu penso que a independência mesmo é quando eu terminar a faculdade. Antes não tem como.

**MARCOS** (18 anos, 3º colegial, não trabalha) — Também acho que só depois que terminar a faculdade. Só aí vou chegar a ter condições de me tornar independente total. Ainda vou aproveitar um tempo pra mamar com os pais. (risadas) [...]

**PAIS&TEENS** — As pesquisas mostram que hoje os jovens demoram mais para sair da casa dos pais do que antigamente. É isso mesmo?

**MARCOS** — Hoje os jovens têm muito mais liberdade em casa do que antigamente. Hoje, com 18 anos eu faço coisas que meu pai com 18 anos acho que nem imaginava.



**PAIS&TEENS** — Vocês concordam com a imagem que tem saído na imprensa, que pinta a geração atual como mais acomodada, mais voltada para o consumo, valorizando muito as mordomias: “meu som, meu quarto, meu carro...”? A geração anterior era muito mais batalhadora?

**RAFAEL** — Eu concordo totalmente.

**GUIDO** (21 anos, 2º ano de Relações Públicas, fotógrafo free-lancer) — Mas será que eles foram tão batalhadores assim? Pô, a gente teve o impeachment.

**TODOS OS OUTROS** — Não vem, não! Foi uma palhaçada aquilo!

**GUIDO** — Não, deixa eu terminar. O pessoal foi pra rua, entende...

**MARCOS** — Essas passeatas foram uma palhaçada. Ouvei falar que o pessoal da outra geração batalhava mesmo, suava a camisa. [...]

**MAURO** — Teve também grandes diferenças históricas. Nos anos 50, 60 teve grandes eventos que eram mais socialistas. Che Guevara, Fidel Castro, União Soviética com aquele poderio todo. Tinha correntes socialistas muito mais presentes do que hoje. Hoje nós crescemos numa colônia capitalista. A gente cresceu numa ideia individualista — a gente pensa muito na gente mesmo, pelos próprios fatores que a sociedade oferece. Hoje, se você não pensar em você mesmo, se você for condescendente, você não passa nem no vestibular — começa por aí. Você então acaba sendo realmente individualista. Não que você acabe desejando que o outro se ferre, mas a competição gera isso. Antigamente não é que não tinha competição, mas era outro esquema. Antes se preocupavam: “nossa! Salário mínimo precisa aumentar, a população precisa ter mais escolas, porque saúde não sei lá o que...”. Eram preocupações inversas, mais socialistas, mais humanas. Não que a gente não seja humano, mas também é individualista por natureza, por influência. Somos uma colônia americana, temos os valores deles, a gente é capaz de parar para ver a bandeira dos EUA e não ver a nossa, ou usar uma camiseta escrito USA do que uma escrito Brasil. E quando vem escrito Brasil, vem com “z”.



**RAFAEL** — Você vê o que é que os meios de comunicação colocam: Nike, Reebok, Coca-Cola, e não sei o que...

**MAURO** — É, essas minúcias é que vão dando o perfil. A gente é assim: brasileiro só sabe torcer pelo Brasil torcendo pela seleção brasileira em copa do mundo. É a única vez que você se une, o cara não quer saber se você é preto, branco, amarelo ou azul, ou classe A, B, C... [...] é a única vez em que você realmente é nacionalista. Ou quando o Brasil tá competindo em vôlei, algum esporte. Esporte é que une este País. Você sai de casa, tira seu carro, manda todos subirem, não importa se o cara é desdentado, você é irmão — a única vez que a gente se une é aí: Gooool!... [...]

(País&Teens, nº 2.)

O tipo de debate adotado para este momento foi o debate regrado público, que conta com a participação de um mediador, nesse caso o representante da referida revista, que coordena e estimula o grupo de envolvidos, levanta questões relevantes ao tema, organiza as falas, atribui direito de réplica e colocando ordem no evento; bem como com a participação de debatedores, alunos. A relação entre mediador e debatedores é assimétrica, tendo o primeiro o papel de direcionar não apenas as regras de participação na interação, mas ainda o foco temático da discussão conforme os interesses da revista que esse representa.

Observamos que a revista pode ser considerada uma relação de força (protagonista e mediadora) da discussão. Embora seja integrada por indivíduos vários, de culturas, formações socioideológicas, memória e subjetividade diferentes, esse meio de comunicação é integrado por um coletivo de sujeitos que simbolizam e reproduzem a ideologia de uma instituição particular da mídia.

O nome da revista, um misto da língua portuguesa (*Pais*) com a língua inglesa (*Teens*) apresenta uma formatação com design moderno já no próprio nome, quando trabalham as duas formas de linguagens. Esse tipo de estratégia de marketing costuma atrair a atenção do público jovem, que costuma fazer uso de uma outra língua nas rodadas de conversas, mostrando com isso uma afinada sintonia com o mundo a sua volta. Ao mesmo tempo, o estrangeirismo pode apontar para um modelo ideológico de consumo capitalista, acenando o poderio econômico norte americano frente à globalização.

Já o público dos alunos, é composto por jovens em formação acadêmica e profissional que estão vivendo a experiência de encarar o mercado de trabalho pela primeira vez em sua maioria. Aparentemente pertencem a uma classe social média: estudantes de nutrição, jornalismo, relações públicas. Apenas, dos participantes ativos, dois deles: um office-boy, cursando Ensino Médio e outro que declarou não trabalhar, também estudante do colegial.

O público selecionado pela revista trata-se de jovens numa faixa etária de transição entre o final da adolescência e início da vida adulta, quando começam a pensar em independência social e financeira, associada ao desejo de liberdade. Alguns saindo do ensino médio, enquanto outros já estão na universidade.

A *variedade linguística* usada pelos jovens é revelada na análise discursiva do debate constituindo-se como uma marca identitária dessa geração: embora diante de uma interação a ser alvo de publicação na mídia de variedades com circulação nacional, os estudantes apresentam um grau de formalidade baixo, bem como usam gírias, comportamento

bastante comum entre sujeitos com a faixa etária desse grupo de debatedores.

Os debatedores, ao defenderem seus pontos de vista na argumentação, valem-se do uso de expressões em primeira pessoa, do tipo “eu acho”, “também acho”, “eu penso que”, que promovem um efeito de independência quanto às ideias, contudo ressaltamos que estamos diante de uma aparente independência, pois cada debatedor produz seu discurso pautado no já dito, no histórico, logo inevitavelmente comunga com discursos pré-construídos.

Apresentados os elementos relativos às condições de produção do debate do LDP, as relações de força, de sentido e antecipação, ou seja, as formações imaginárias do discurso, e passamos para o estudo de elementos composicionais da AD, como o *interdiscurso*, foco de nossa análise nesse trabalho.

Ao tratarmos do já-dito que embasa o discurso dos sujeitos, concebemos junto à Maingueneau que o processo interdiscursivo é produzido no trabalho de interação, bem como é histórico e socioideológico, portanto, suas formas de manifestações são constituídas de modo que se desenvolve nas relações entre os sujeitos que interagem: com referência a produções discursivas anteriores e mesmo projetando-se as posteriores. Nas trocas de turno ocorridas no desenvolvimento do gênero debate, as configurações interlocutivas não cessam de se reformular o já dito.

Com isso, sinalizamos que o texto *corpus* situa-se no *campo discursivo* da mídia, como já observamos, mas mantém diálogo com diversos outros *campos* na medida em que os sujeitos envolvidos se apoiam em construções discursivas anteriores para fundamentar argumentativamente suas teses.

Podemos constatar essa presença do pré-construído, por exemplo, na interseção do *campo discursivo* da mídia que ressignifica o tema do debate, já tratado em enunciações anteriores, bem como em *campos* outros. Observamos isso quando são suscitados pelas perguntas do mediador aos debatedores vários subtemas à discussão, e a presença de

discurso do campo da economia, da política, da sociologia, dos esportes ocorre. Vejamos os extratos, reveladores da heterogeneidade constitutiva:

*(...) posso ir aonde eu quero, é meu dinheiro (...)* (Rafael)

*(...) Comecei a trabalhar para ter o meu próprio dinheiro, poder ter as coisas, comprar (...)*

*(...) minhas coisas, não ter que ficar pedindo (...)* (Juliana)

Percebemos que um detalhe há em comum no discurso dos estudantes—a exposição do fato de já estarem, ou querendo estar, no mercado de trabalho: formação discursiva/ideológica bastante circulante numa sociedade capitalista, reforçada pelos grupos hegemônicos. Ter o próprio dinheiro para atender “necessidades de consumo”, garantir a tão sonhada “independência”, é o argumento explicitado pela maioria das declarações transcritas.

O sujeito está fadado a convergir para o sistema de crenças e valores que uma sociedade estabelece em relações de negociação e de poder. Se o sistema capitalista requer a produção pela força do trabalho, discursos pré-existentes acerca desse processo produtivo e de suas formas de consecução circundam o dia-a-dia dos sujeitos. Tais discursos permearão os discursos de demais sujeitos a partir da interdiscursividade.

No mesmo caminho, a *memória discursiva* é acionada para embasar os pontos de vista dos jovens debatedores sobre a transição da adolescência para a fase adulta:

**Campo discursivo da religião** – *Cabeça vazia é morada do demônio.* (Rafael)

**Campo discursivo do esporte**—*(...) Brasileiro só sabe torcer pelo Brasil, torcendo pela seleção brasileira em copa do mundo. É a única vez que você se une, o cara não quer saber se você é preto, branco, amarelo, ou azul, ou classe A, B, C (...)*

No primeiro caso, um ditado popular ressignificado do discurso bíblico, uma referência velada ao livro de Mateus<sup>4</sup>. Apoiado no discurso da mãe, o estudante concorda com que o jovem tem que de fato trabalhar para não ter tempo de fazer “o que não deve”. Quanto ao segundo exemplo, estão as críticas apresentadas por um dos alunos ao falar da falta de união ou nacionalismo do brasileiro. O estudante resgata do *campo dos esportes*, mais especificamente do futebol, elementos para construção do seu argumento, elaborando um parágrafo por exemplificação de situações definidas como típicas na história esportiva e social do seu país.

Outras marcas do *interdiscurso* importantes de se destacar do nosso *corpus* revelam-se ainda mais *mostradas* na superfície linguística - os debatedores nas suas argumentações se reportam a “*enunciadores genéricos*” com finalidades distintas, a saber:

*(...) Não que o dinheiro te dê a independência total, mas você já não precisa chegar ao pai e dizer: “**Pai, me dá dinheiro para comprar uma roupa**”... (...) (Juliana)*

*(...) Antes se preocupavam: “**nossa! Salário-mínimo precisa aumentar, a população precisa ter mais escolas, porque saúde não sei lá o que...**” Eram preocupações inversas, mais socialistas, mais humanas. (...) (Mauro)*

*(...) Você sai de casa, tira o seu carro, manda todos subirem, não importa se o cara é desdentado, você é irmão - a única vez que a gente se une é aí: **Goool!**...*

**(Grifo nosso)**

No primeiro exemplo, a jovem traz um discurso que geralmente usa em situações de negociação financeira cotidiana com seus pais, o qual se estende a qualquer relação pais e filhos dando força à sua tese de que

4 Mateus 12: 43 Ora, havendo o espírito imundo saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra. 44 Então diz: Voltarei para minha casa, donde saí. E, chegando, acha-a desocupada, varrida e adornada. 45 Então vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entretanto, habitam ali; e o último estado desse homem vem a ser pior do que o primeiro. Assim há de acontecer também a esta geração perversa. (Novo Testamento)

trabalhar favorece a independência. No segundo, com base em referências a fatos históricos e socioeconômicos, com parágrafo estruturado por relações de comparação (socialismo x capitalismo), o estudante resgata um discurso genérico, atualizando o passado e dando um efeito da veracidade aos fatos mencionados, assim torna-se mais persuasivo nas suas considerações. Finalmente, no último caso, o debatedor mobiliza a frase “Gool” usada nos estádios de futebol, indicadora de vitória e alegria para, por contraste, apresentar a aparente contradição da sociedade brasileira na sua ausência de união e solidariedade fora dos campos esportivos.

O mediador, por sua vez, na elaboração das suas questões orientadoras da discussão, faz *menção* a informações já divulgadas sobre pesquisas, mesmo que de forma ampla (não pontual); ou aos discursos que circulam na própria imprensa:

*Pais & Teens-As pesquisas mostram que hoje os jovens (...)*

*Pais & Teens-Vocês concordam com a imagem que tem saído na imprensa, que pinta a geração atual como mais acomodada (...)*

Com base no interdiscurso, a revista respalda-se no discurso prévio de domínios discursivos valorizados socialmente “pesquisas” (institutos de pesquisa) e “imprensa”(leia-se provavelmente o discurso de autoridades sociais alvo de entrevistas para diversas matérias jornalísticas) para dar credibilidade e contundência ao seu questionamento.

Nesse sentido, algumas considerações importantes poderão ser observadas: a heterogeneidade discursiva constitui o enunciado - um sujeito, ao argumentar no debate, refaz o já dito, produzindo efeitos de sentido novos e diversos. A análise do discurso pensada por Michel Pêcheux, não nos deixa dúvidas quanto à essência de sua mensagem, pois conforme seu fundador, não há discurso (efeito de sentidos entre interlocutores) sem sujeito e não há sujeito sem ideologia (PÊCHEUX, 1997, p.160). Em outras palavras, o sujeito é interpelado pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.

## 2.2 A PROPOSTA PEDAGÓGICA DO LIVRO DIDÁTICO: SINTONIA COM A AD?

Como observamos anteriormente, o texto que tomamos como *corpus* está contido na seção de produção de texto. Por se tratar de um recorte discursivo de um debate, não temos o texto na sua íntegra; além disso, ao longo da transcrição desta parte, há supressões de trechos das falas dos debatedores o que também contribui para que o leitor não tenha um texto completamente autêntico para leitura o que, na nossa perspectiva, não favorece um estudo mais aprofundado do gênero. Ainda assim, o recorte é um discurso e, como tal, ideologicamente marcado e sujeito à interpretação.

A princípio, o LDP introduz o gênero debate, com base em uma nota inicial, traçando algumas considerações e características discursivas e textuais do mesmo, assim como o tema a ser discutido, e quem são interlocutores os envolvidos nas discussões. Na sequência, transcreve o trecho do debate que será estudado, sob orientação de dez questões interpretativas e analíticas.

Na introdução e em algumas das questões, o LDP faz referência ao *contexto de produção* do texto, com ênfase na organização da situação comunicativa e no papel dos interlocutores, aponta a finalidade de um debate para a discussão de temas polêmicos e negociação de opiniões. Centra na identificação de tese e argumentos, com base na interpretação dos discursos apresentados pelos debatedores no texto.

É interessante notar que no fechamento da atividade de estudo, há uma proposição de produção de texto “agora é a sua vez”. Nesse momento, o LDP apresenta um tema “Televisão: deformadora de costumes ou espelho de uma sociedade doente?” sobre o qual os alunos deverão debater em atividade de sala de aula. O livro dispõe seis textos curtos para apoio dos alunos, em diversos gêneros (poema, notícia, crônica, texto expositivo), com o intuito de “ampliar as informações” que o aluno tem sobre o assunto. Nesse caso, deixa subtendido que discursos anteriores ancorarão

as produções posteriores, mas isso não está claro para o estudante via explanação do material didático.

Concluindo a seção, o LDP disponibiliza um quadro de “Princípios e procedimentos para realização de um debate democrático”, para orientação sobre as regras de produção, especialmente, participação na situação de debate, e também um tópico final “Avaliando o debate”, para checagem auto avaliativa sobre a consecução das normas apontadas no referido quadro depois de realizado o debate.

Ressaltamos que o LDP não questiona sobre a produção ideológica do discurso em qualquer uma das subseções apresentadas. Quanto ao tópico de estudo, *interdiscurso*, ou heterogeneidade discursiva, ou quaisquer outros termos que possam fazer alusão ao tema tratado neste trabalho (como *dialogismo*, *polifonia*, *intertextualidade*) o livro não traz objetivamente questões analíticas que levem o aluno a perceber o papel do pré- construído para apoiar a argumentação. Para nós, essa abordagem é limitada uma vez que não favorece uma aprendizagem interpretativa da linguagem pautada no trabalho com a heterogeneidade constitutiva de toda e qualquer produção discursiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os esforços de Pêcheux e dos que aderiram às suas proposições, a muito deixamos de enxergar a linguagem apenas centrada na língua, mas, numa visão bem mais ampla, envolta num processo de interação verbal que se dá por meio da produção do discurso, de enunciados. Ao produzirmos enunciados, participamos de um jogo de imagens que criamos a respeito de nosso interlocutor, onde a recíproca é verdadeira. Nesse sentido, os estudos da AD foram fundamentais para que hoje vejamos a linguagem não apenas como código linguístico, mas como prática social.

Nessa perspectiva, concluímos que os aprofundamentos de questões sobre o interdiscurso no debate, abordadas neste trabalho, contribuem

para interpretação dos discursos no processo da construção de efeitos de sentido, princípios basilares da Análise do Discurso.

Como já exposto anteriormente, o debate enquanto objeto de nosso estudo, foi analisado na perspectiva da heterogeneidade discursiva. No texto investigado, os aspectos da heterogeneidade discursiva são trabalhados argumentativamente pelos sujeitos no sentido de se concretizar a ação social do gênero *debate*–embate e negociação de pontos de vista, que geram, na experiência de diálogo, manutenção ou mudança de perspectivas ideológicas e de formas de inserção no mundo da cidadania.

No que diz respeito à abordagem pedagógica do LDP, observamos que há uma postura analítica e interpretativa do gênero em estudo, com ênfase no tema, situação de produção, organização textual argumentativa; porém no que tange ao tema de base deste estudo, pouco se avança no trabalho de análise do discurso em tela proposta pelo material didático. Cabe, portanto, ao professor, preocupado com as questões filosóficas que nos apresentam, aprofundar a discussão sobre o papel da heterogeneidade na constituição dos textos, discursos.

Pelo exposto, nossa investigação teve como meta consolidar os trabalhos relacionados às pesquisas desenvolvidas no Brasil que estão em consonância com a perspectiva enunciativa de estudos da linguagem, especialmente no tocante à AD de linha francesa.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso*. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português linguagens: 9º ano*. São Paulo: Atual, 2010. p. 145-151.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (org.). *Percursos da Análise do discurso no Brasil*. São Carlos: Clara Luz, 2007.

FIORIN, J. L. *Interdiscursividade e intertextualidade*. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, J. L. *Polifonia textual e discursiva*. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 29-36.

GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux: na análise do discurso - diálogos e duelos*. São Carlos: Clara Luz, 2004.

GREGOLIN, M. R.; BARONAS, R. (org.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Clara Luz, 2007.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MARIANI, B. (org.). *A escrita e os escritos: reflexões em Análise do Discurso e Psicanálise*. São Carlos: Clara Luz, 2006.

MUSSALIM, F. *Análise do discurso*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 101-142.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez, 1988.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. *O lugar das sistematicidades linguísticas na Análise de Discurso*. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 295-307, 1994.

ORLANDI, E. P. *Terra à vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 1990.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni P. Orlandi et al. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

POSSENTI, S. *Os limites do Discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba: Criar Edições, 2002.

POSSENTI, S. *Questões para analistas do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.

POSSENTI, S. *Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 3, p. 353-391.